

A curva que decide eleição

Nenhuma campanha eleitoral é igual a outra que passou, mas ao menos para diversão ou orientação de apostas convém olhar para experiências anteriores. Esqueça-se de 1994. Foi um passeio, uma eleição atípica. Uma moeda e uma esperança novas trucidaram o candidato da Oposição, e Fernando Henrique venceu folgado logo no primeiro turno.

Veja-se 1989.

Muito cedo, desde o ano anterior, um governador jovem, voluntarioso cruzava o Brasil atacando os privilégios de funcionários públicos de seu estado, chamando-os de marajás por causa dos seus altos salários. Era uma pregação moralista, numa época de escancaradas imoralidades nos métodos de administração pública.

Tornou-se célebre rapidamente, com essa cruzada. Quem primeiro se sensibilizou com seu discurso, no registro das pesquisas de opinião pública, foram os eleitores da elite, os intelectualizados, os abastados. São uma minoria, não elegem ninguém. E são muito mais eficientes para derubar governos do que para edificá-los. O povão, nessa época, estaria com Lula ou com Brizola.

Por volta de março ou abril, surgiu uma onda nova, de que ninguém se lembra mais. Era Guilherme Afif Domingos. Homens de negócios, empresários e, principalmente, comerciantes entusiasmaram-se com a candidatura de Afif. Mas era fogo de palha. Afif, como Mário Covas, tinha boa cotação lá em cima, nas classes A e B, mas a curva de ambos nas pesquisas sequer era curva, não saía do chão na faixa dos 80% de eleitores que têm até o curso primário completo. Esses, sim, decidem a eleição.

O que aconteceu com Collor foi uma inversão de curvas. Na virada de abril para maio, a curva dos seus eleitores A e B, já há algum tempo fortemente inclinada para baixo, cruzou com a dos eleitores C e D, que apontava com persistência para o alto. Dali em diante se podia fazer qualquer aposta na vitória de Collor. O povão já tinha sido enganado por ele.

Ao se examinar a pesquisa que o Ibope divulgou ontem, o povão, no momento, está mais com Fernando Henrique do que com Lula, ou Ciro Gomes ou Enéas. FH tem o dobro (43%) de Lula (22%), nessa faixa ampla de eleitores até o curso primário completo. Ciro tem consciência de que, por enquanto, o sucesso de seus 9% na pesquisa do Ibope se deve principalmente a eleitores com mais instrução e mais dinheiro. O seu desafio é fazer subir a curva de baixo, para chegar a agosto com 20% no seu índice total.

O sucesso do Plano Real e o charme intelectual de Fernando Henrique tornam a disputam muito desigual. Um governo sem obras para mostrar, mas com chances de ir à televisão, na fase de propaganda eleitoral, e encobrir com os fatos evidentes das transformações recentes do país e com a assombração da volta da inflação a promiscuidade de algumas negociações com o Congresso, a lentidão dos avanços sociais e a sombra do desemprego.

Quer se goste dele ou não, o país mudou com FH. É isso, mais do que as brigas internas do PT, que imobiliza Lula. Lula ainda não absorveu que o que terá de construir, se for eleito presidente, será a partir desse patamar que está aí. É para a correção de rumos, por exemplo, e não para a mudança de patamar, que Ciro Gomes está desafiando os adversários para um debate que a eles não interessa, no momento. Não interessa a FH, por orgulho da liderança nas pesquisas. Nem a Lula, por falta de idéias consistentes para apresentar.

Nesse cenário, pelo retrato que as pesquisas fazem do sentimento do eleitorado, e obviamente sem considerar emoções que daqui para a frente podem desequilibrar a disputa, só há uma certeza: a eleição presidencial será decidida, não diretamente no primeiro, mas apenas no segundo turno.